



UM MILAGRE BRASILEIRO

A São Paulo Companhia de Dança movimenta uma cena – a do balé – tradicionalmente morna no país. E se prepara para enfrentar plateias estrangeiras POR PETER ROSENWALD FOTOS VALÉRIA MENDONÇA

Com apenas dois anos de existência, a São Paulo Companhia de Dança está no topo de qualquer lista com os melhores grupos da América Latina. Com uma rara combinação entre técnicas do balé clássico e da dança moderna, os 43 bailarinos – 42 brasileiros e uma argentina – de repente vêm criando um rebuliço em uma cena que, até há pouco tempo, era bem morna no país. Com exceção de nomes estrelados, como Grupo Corpo, Deborah Colker e Balé da Cidade de São Paulo, poucos são os que conseguem de fato atrair público. Pois, na recente história da São Paulo Companhia de Dança, ingressos esgotam-se para programas variados, que vão desde os abstratos e refinados *Serenade* e *Theme and Variations*, do russo George Balanchine, até o contemporâneo *Os Duplos*, do goiano Maurício de Oliveira. Ao longo desses dois anos, o grupo já fez 130 apresentações em 25 cidades e foi visto

por 90 mil espectadores. A atual diretora artística do Balé de Santiago, no Chile, Marcia Haydée, que já foi a primeira bailarina do Balé de Stuttgart, na Alemanha, em 1962, não economiza: “Essa é agora a melhor companhia da América Latina e seu futuro é maravilhoso”.

Um de seus segredos esconde-se, por exemplo, na expressividade incomum empregada na obra muitas vezes asséptica de Balanchine. Para falar do Balé da Cidade de Nova York, fundado em 1948 pelo próprio coreógrafo russo, o crítico R. P. Blackmur certa vez escreveu: “Nós, norte-americanos, temos a técnica para apresentar tudo muito bem, mas acabamos deixando o tema de fora”. A São Paulo Companhia de Dança respeita a formalidade de Balanchine ao mesmo tempo em que exalta o tema de suas criações. Se, como dizem, a estética de Balanchine é a “imagem musical em carne e osso”, os bailarinos em São Paulo acrescentam

www.bravonline.com.br 19/2011



coração à essa carne. Ben Huys, o ex-bailarino que viaja pelo mundo supervisionando as apresentações dos balés de Balanchine, encantou-se de tal forma com a energia e o espírito brasileiros que deu à companhia dirigida pelas ex-bailarinas Inês Bogéa e Tracify Cardoso uma liberdade bem maior do que a habitual para as encenações.

CULINÁRIA "FUSION"

Sentando-se em uma das duas arejadas salas de ensaio da companhia, no bairro do Bom Retiro, e assistindo a uma das seis aulas semanais, ministrada pelo russo Boris Storozkov, a fonte dessa fórmula bem-sucedida vai ficando mais clara. A aula começa exatamente às 10 horas da manhã, nem um minuto antes nem depois, e a inventiva sequência de instruções de Storozkov, feita em uma mistura de francês e português, proporciona uma atmosfera disciplinada, porém afetuosa.

Os jovens, a maioria em seus 20 e poucos anos, trabalham duro, mas também se divertem. Se a orientação de Storozkov ou a do belga Lars Van Cauwenbergh são puramente clássicas, a professora Daniela Stasi faz o contraponto. Ex-bailarina da moderna e icônica Martha Graham Dance Company e do Balé da Cidade de São Paulo, formada em dançaterapia e pilates, ela traz um vocabulário totalmente diferente e ampliado para os alunos. E a combinação de técnicas clássicas com modernas está para a dança assim como o "fusion" está para a cozinha. O resultado é delicioso.

Mas o milagre não aconteceu somente graças à aliança entre conhecimento e ousadia. Ao reconhecer esse momento de transformação na arte, Inês e Tracify trataram de resolver as deficiências históricas que sempre prejudicaram os estabelecimentos estaduais de balé no país: a falta de uma visão artística e financeira de longo prazo e a ne-

Os bailarinos da São Paulo Companhia de Dança, que ensalam segredos das bailarinas. Hoje seus salários são competitivos frente às tentadoras ofertas de grupos europeus e norte-americanos

TEATRO E DANÇA

EM 2015, A COMPANHIA GANHARÁ SEDE PRÓPRIA, DENTRO DO NOVO COMPLEXO CULTURAL DA LUZ, QUE SERÁ PROJETADO PELO PRESTIGIADO ESCRITÓRIO DE ARQUITETURA SUÍÇO HERZOG & DE MEURON

cessidade de estabilidade para bailarinos e artistas associados. Companhias ligadas aos grandes teatros de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro ficam sujeitas à política do momento. Seus bailarinos não deixam de ser funcionários públicos, envolvidos com a burocracia e a hierarquia do sistema. E isso faz, por exemplo, com que o incentivo à concorrência – para o aperfeiçoamento constante do talento artístico – acabe diminuído: eles sabem que têm emprego garantido pelo estado.

VÍDEOS E PUBLICAÇÕES

Para driblar essa situação, Inês e Iracly conseguiram algo inédito: o apoio do governo do estado de São Paulo para a elaboração de um programa de cinco anos voltado à manutenção e ao desenvolvimento da equipe, com especial atenção à educação. O orçamento da companhia para este ano também condiz com seu tamanho: 18 milhões de reais. Isso permite, entre outras coisas, que os salários dos bailarinos variem entre 2 mil e 6 mil reais, ou até mais. Tudo para que os valores continuem competitivos frente às ofertas tentadoras de companhias norte-americanas e europeias. O projeto ainda eliminou a existência de "estrelas" entre o grupo, ou seja, na São Paulo Companhia de Dança, não há nomes de destaque. Os bailarinos são escolhidos para os papéis de acordo com o que apresentam nos ensaios, sem referências hierárquicas. O plano, ambicioso, inclui também audições anuais para os integrantes em cinco cidades brasileiras e em Buenos Aires, uma excelente infraestrutura em São Paulo, uma extensa programação de encenações regulares por todo o país e a circulação de publicações e vídeos. Há ainda o compromisso de oferecer ingressos a preços baixos (no máximo 20 mil reais) em determinados espetáculos como uma estratégia para ampliar o público de dança no país.



VEJA ensaio fotografado com a São Paulo Cia. De Dança em www.revistabras.com.br



Em 2015, os bailarinos ganharão casa própria, dentro do novo endereço cultural do governo paulista no bairro da Luz. O Complexo Cultural da Luz, que será projetado pelo prestigiado escritório suíço Herzog & De Meuron – o mesmo que planejou o estádio Ninho de Pássaro, em Pequim, e a Tate Modern, de Londres – tem o custo estimado em 600 milhões de dólares e comportará o maior espaço de dança da América Latina. Trata-se de uma promessa sólida para uma forma de arte que há tempos vem sendo tratada com programas efêmeros. Para as fundadoras, a criação de uma cultura permanente em torno da dança é uma preocupação tão grande quanto a de manter o nível e fazer crescer a popularidade da companhia. Por isso, os programas de cada apresentação trazem não só informações sobre as obras como também chamam a atenção para aspectos da dança que talvez passem despercebidos em um primeiro contato.



A nova temporada no Teatro Alfa, em São Paulo, marcada para os dias 9, 10, 11 e 12 deste mês, foi planejada para mostrar o talento eclético do grupo. Incluirá desde *Prélude à l'Après-Midi d'un Faune* (feito para a peça *L'Après-Midi d'un Faune*, do francês Claude Debussy, com coreografia da canadense Marie Chouinard para uma dança solo) – até *Seis Danças* (uma expressão moderna e controversa criada por um dos maiores coreógrafos da Europa, o checo Jiri Kylián).

A primeira excursão internacional da companhia está agendada para o ano que vem, com passagens por Buenos Aires e Baden Baden, na Alemanha, além de outras cidades europeias. Uma turnê bem-sucedida pode elevar a São Paulo Companhia de Dança a outro patamar. Com o Balé de Stuttgart, que em 1969 chamava-se ainda Balé de Wurtemberg, foi assim. O grupo dançou em Nova York e o crítico de dança e teatro do *The*

New York Times na época, Clive Barnes, teceu rasgados elogios à apresentação, encerrando um artigo especial na revista *Life* com a seguinte frase: "De repente, a Mercedes-Benz ocupa apenas o segundo lugar no orgulho de Stuttgart". Do dia para a noite, a companhia passou a figurar entre as melhores do mundo. Quem sabe não ocorra algo parecido em breve. ¶

Tradução de DIANA RICCI ARANHA
PETER ROSENWALD é crítico de dança. Colaborou com o *The Wall Street Journal* por 17 anos.

ONDE E QUANDO
São Paulo Companhia de Dança. Teatro Alfa (r. Bento Branco de Andrade Filho, 722, Santo Amaro, São Paulo, SP, tel. 0++(11)/5693-4000). Dia 9, às 21h, 10, às 21h30, 11, às 21h, e 12, às 18h. R\$ 40 e R\$ 60.

As bailarinas da São Paulo Companhia de Dança e o professor russo Boris Storjokov durante um ensaio. Atmosfera disciplinada, porém afetuosa